

A CURA PELA ENXADA

Nos longos, imprecisáveis dias na serra, vos ocorre praticar a sério a jardinagem. O cinema e os magazines americanos vos lecionaram na cidade para esse "hobby" salutar. Recordareis o senhor grisalho, em "blue-jean" e sapatos ústicos, distinto, sanguíneo e risonho, a empunhar a enxadailhado entre flores nascidas das suas precárias mãos cidadinas envoltas em luvas de borracha. As flores nos filmes e nos magazines americanos são muito mais flores do que nos jardins — aquela colorido, aquela nitidez — e não há homem vencido pelo asfalto que resista à "chance" de regeneração.

—oOo—

As hortênsias por sua vez vos perseguem dando-vos uma grata ilusão da amenidade e da facilidade da floricultura. A hortênsia, prolifera e espetaculosa, é a catequista do carioca: converte-o sem esforço, desgruda-o da idolatria do fícus italiano de apartamento comprado numa loja onde os arbustos se valorizam como as primeiras mudas destinadas a um planeta pelado por um bombardeio atômico. A hortênsia é um repolho que a deusa Flora encantou em flor para seduzir os prisioneiros da esterilidade do concreto-armado. É uma flor gorda e sem cinta que vos restaura a consciência da fecundidade da nossa mãe Terra. Sua gravidez congênita vos faz pensar no pólen expulso dos ventos da metrópole, nos passarinhos que deixam cair em voo a semente e semeiam devolvendo à terra o que dela tiraram.

—oOo—

Uma enxada nas vossas mãos, antes da capina, provoca rasteiros, mas nobres raciocínios. Que seria dos homens da pena sem os homens da enxada? Da idéia sem o feijão e a rosa? Sim: todos os intelectuais deviam fazer um retorno à terra, repor os pés descalços na gleba revolta, sugar com eles a saúde do húmus — pobres pés isolados da terra pelas prateleiras dos edifícios e pelas camadas de cimento e asfalto dos caminhos! Quem sabe se não se cura o câncer tirando os sapatos e andando o resto da vida sem eles em cima da terra roxa? E se amanhã o dr. Willard ou o dr. Bogolow nos provar que poderemos viver du-

zentos anos pisando descalços o chão racional do nosso mundo, do qual nos afastamos isolando-nos das suas radiações benéficas? Por que Deus iria criar o bicho-de-pé se não fôsse fazer dele o pequeno imposto sobre a longevidade do homem de pés no chão? Claro que nesse ponto das minhas reflexões livre-me dos mocassins e enfiar os pés na terra voluptuosamente, terapêuticamente. O sol estava quente e a terra era morna como um regaço materno.

—oOo—

Já trabalhaste de enxada depois de longos anos de tarefas intelectuais aqui e ali acometidas de uns pruridos de atletismo, conciliadas com uma ginásticazinha hipócrita de sedentário crônico? Os músculos retraídos pela redução de movimento doem à mínima distensão e as mãos se enchem de bolhas de água aos primeiros golpes. Mas aí vem o brio, o brio ou a manifestação do feitiço das hortênsias. Cada tiririca cresce diante do nosso dolorido cansaço como se fôsse um jequitibá secular. Um seixo debaixo da lâmina da enxada torna-se uma pedra. O suor escorre do nosso corpo: na Rússia surgiriam pintores para nos pintar em disputa do Prêmio Lenine — atenuando naturalmente a nossa expressão proletária.

—oOo—

Começamos a dar um outro valor ao trabalho braçal. Por quê pagam dois mil cruzeiros por uma crônica de um grande nome e não pagam quatro mil por um dia de capina de um bom capinador? Que injustiça é essa? Pode-se comparar aquela atividade folgazã — dedinhos no teclado da máquina de escrever, cigarro, café, pijama, chinelo, a amada surgindo de vez em quando, pé ante pé, para reabastecer a inspiração — pode-se comparar literatura com agricultura? Evidentemente não se pode. E é com uma sensação de vigaristas, de beneficiários de um monstruoso privilégio, que voltamos a nos sentar para produzir a crônica diária. O braço dói, dói tudo: as idéias porém proliferam como hortênsias, em frases redondas grávidas de adjetivos. Estragamos o corpo, mas endireitamos o espírito. Deus seja louvado.

RUBEM BRAGA

4.3.57

Não é
minha;
devo
ser do
Pangetti.